

## ORAÇÃO A CONTRAPELO

Chris, The Red  
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES.  
thered@thered.com.br

*Simpósio Temático nº 04 – ARTE, GÊNERO E SEXUALIDADE:  
GRAMÁTICAS DE RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIAS DISSIDENTES*

### RESUMO

Este artigo é sobre a obra *Oração a Contrapelo* (2021), um projeto que mistura objeto (terço feito com camisinhas), texto homônimo ao título da obra (uma releitura da oração do pai nosso) e uma ação gravada em formato de vídeoperformance. Nesta, realizo o ato de orar. Antes de começar a “reza”, introduzo um *plug* anal no meu cu e o mantenho durante todo o terço, repetindo, a cada conta, a “Oração a Contrapelo” diante de um altar com elementos que, entre outros, entendo como intrínsecos ao desenvolvimento do saber: obras artísticas e livros. Criado em uma família católica e minha educação se deu em colégios religiosos e por escolha minha, segui a religião católica até os meus 19 anos, quando percebi que já não era um espaço no qual me sentia pertencente, resolvi sair da igreja católica, o que não quer dizer que eu tenha deixado de lado a minha religiosidade, pois sempre percebi como aspectos independentes: a instituição da religião e a minha espiritualidade. Na medida que fui entendendo o papel da religião na minha existência, fui pensando nos pedestais onde determinados elementos são colocados e o quão perigosos podem ser, principalmente, quando observo violências realizadas em busca de uma defesa da moral e dos bons costumes, especialmente, as que tangem nossas vivências de sexualidade, gênero, raça e tantos outros marcadores sociais. Assim, tenho nesta obra um caminho para trazer à tona estas discussões políticas-artísticas-religiosas com a sexualidade e a contrassexualidade como resistência.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea, Religiosidade, Contrassexualidade, Video Performance, Marcadores Sociais.

### ABSTRACT

This article is about the work *Oração a Contrapelo* (2021), a project that mixes an object (a rosary made with condoms), a homonymous text to the title of the work (a reinterpretation of the prayer of our father) and an action recorded in video performance format. In this, I perform the act of praying. Before starting the "prayer", I introduce a butt plug in my ass and keep it throughout the third, repeating, on each bead, the *Oração a Contrapelo* in front of an altar with elements that, among others, I understand as intrinsic to the development of knowledge: artistic works and books. Raised in a Catholic

family and my education took place in religious schools and by my choice, I followed the Catholic religion until I was 19 years old, when I realized that it was no longer a space in which I felt belonging, I decided to leave the Catholic Church, which it doesn't mean that I left my religiosity aside, as I always perceived as independent aspects: the institution of religion and my spirituality. As I started to understand the role of religion in my existence, I started thinking about the pedestals where certain elements are placed and how dangerous they can be, especially when I observe violence carried out in search of a defense of morals and good customs, especially the that touch our experiences of sexuality, gender, race and many other social markers. Thus, I have in this work a way to bring to light these political-artistic-religious discussions with sexuality and counter sexuality as resistance.

**Keywords:** Contemporary Art, Religiosity, Counter Sexuality, Video Performance, Social Bookmarkers.

## INTRODUÇÃO

Antes de seguir com a leitura deste artigo, peço que veja a videoperformance *Oração a Contrapelo* (2021), uma vez que é essencial para a compreensão do texto aqui apresentado: <https://bit.ly/OracaoAContrapelo>.

De acordo com o Dicionário Online de Português, o Dicio, *Contrapelo* significa: “direção contrária à inclinação natural do pêlo; revés do pêlo. A contrapelo, ao revés, ao arrepio”.<sup>1</sup>

Ao longo da minha construção como sujeito bixa, fui confrontado várias vezes por normatividades com as quais eu não me identificava. Papéis sociais que eu deveria executar, mas não me causavam tesão. Ir contra o fluxo me trazia provocações mais necessárias em nossos processos de aprendizagem enquanto indivíduos pertencentes a uma cadeia de conexões que muitos chamam de sociedade, de entender a ideia de uma perspectiva a contrapelo.

Assim, fui buscando me perceber nessas provocações e como tudo isso se conectava às minhas próprias questões, a minha própria arte e não deixo de pensar no texto sobre Franz Boas *Por uma semântica profunda: arte, cultura e história no pensamento de Franz Boas* (1998) de Kátia Almeida, especialmente no trecho:

Com efeito, Boas é explícito ao afirmar que, de modo geral, o estilo tem o poder de limitar a criatividade do artista, pois “se admitimos que gênios potenciais [...] podem surgir em qualquer cultura, então a uniformidade das formas artísticas em um dado grupo só pode ser compreendida a partir dessas limitações” (1955[1927]:156). (ALMEIDA, 1998, p. 25).

Sempre me senti, desde ainda criança, neste espaço do entre-espaço, de não me ver nem lá nem aqui, mas transitando e isto se reflete na forma como escrevo e nas minhas produções artísticas. Nunca desejei ser reconhecido seja por um estilo único ou uma linguagem única. Sempre me causou uma estranheza este tipo de reconhecimento. Me percebia muito mais nas transições dos espaços do que nos próprios espaços em si, o que me levou a pensar a construção do meu trabalho artístico fora – ou nos entre-meios – desses espaços das cisheteronormatividades, principalmente, dos papéis que esperavam de mim por ter nascido com um pau entre as pernas.

Então, me percebendo nestes “entres”, aspectos como religião e sexo fazem mais sentido, de um ponto de vista mais pessoal, serem mais amantes do que antagônicos. Este projeto artístico *Oração a Contrapelo* (2021), formado por três obras: o objeto *O Terço* (2021), o texto *Oração a Contrapelo* (2021) e a vídeoperformance *Oração a Contrapelo* (2021) é muito mais uma relação de amor carnal do que “isto” versus “aquilo” e ao longo deste artigo, vou traçando os caminhos que levaram à sua construção e as relações com a minha formação religiosa/espiritual e o meu fazer artístico dentro dessa perspectiva de uma sociedade pautada por violências contra o nosso ser e a nossa sexualidade.

*Oração a Contrapelo* (2021) vem se unir ao longo e já existente debate, principalmente, no campo das artes, sobre dois aspectos muito importantes: nossa religiosidade e nossa sexualidade e as interseccionalidades intrínsecas a ambos, como: gênero, identidades e raças. Em 2008, André Sidnei Musskopf, na sua tese de doutorado *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*, aponta a importância destas duas dimensões em nossas vidas e “que são raras as reflexões que discutem estas temáticas (religiosidade e sexualidade) simultaneamente” (p. 31). Assim, com esse projeto, busco, junto com outros artistas como Marcia X, Paulx Castello e Ventura Profana, apresentar estes meus amantes tão importantes na minha construção enquanto ser humano: sexualidade e religiosidade.

## **OS AMANTES: SEXO E RELIGIÃO**

Voltando a tese de Musskopf, cito o trecho abaixo para em seguida traçar dois perfis importantes sobre mim e a formação da minha personalidade:

Sexo e religião são duas dimensões fundamentais da vida de brasileiros e brasileiras que, ao longo da história do país, se converteram em motivo de orgulho e identificação e se tornaram foco do desenvolvimento de

rotas turísticas provocando tanto uma movimentação interna, quanto atraindo visitantes de outras partes do mundo. São, afinal, uma gente extremamente sensual e com uma fé abundante, ou pelo menos assim são vistos/as e gostam de entender a si mesmos/as. Na área da sexualidade, o que atrai e provoca esta movimentação é a suposta liberdade sexual e o erotismo dos quais os festejos populares do Carnaval são a expressão mais vívida e representativa. Na área da religiosidade, o maior país católico (religioso) do mundo atrai e provoca movimentações por suas incontáveis romarias, procissões e peregrinações aos santuários da fé, muitas das quais transformadas em patrimônio cultural. Tanto com relação a uma quanto a outra, há dispositivos e instituições voltadas para o controle e policiamento, buscando garantir a manutenção de uma certa ordem e o estabelecimento dos comportamentos e práticas aceitáveis. Tais dispositivos e instituições também promovem a separação rígida entre uma e outra, justamente por não conviverem bem com as formas como elas são experimentadas. Ainda assim, parece que, nem no nível dos comportamentos, nem no nível da separação entre elas, este controle consegue eliminar os elementos de ambigüidade na forma como são vividas. (MUSSKOPF, 2008, p. 30).

Fui criado em uma família católica. Estudei da segunda série até o terceiro ano científico (como era chamado na época o ensino médio) em colégios religiosos. Da 2ª a 4ª série, em um colégio evangélico – que não tinha ainda a significância de hoje – e a conclusão dos meus estudos pré-UnB em um colégio de padres. Minha mãe é uma católica praticante, no entanto e acho importante frisar, sua religiosidade nunca me foi imposta como uma herança a que eu tinha o dever de seguir. Pelo contrário e, exercendo o meu livre arbítrio, me senti a vontade de seguir dentro da instituição católica – com todos os seus ritos, rituais e possibilidades, exercendo, inclusive, o papel de coordenador litúrgico entre os anos de 1996 e 1997. No entanto, nos meus 19 anos, quando percebi que já não era um espaço no qual me sentia pertencente, resolvi sair da instituição da Igreja Católica, o que não quer dizer que eu tenha deixado de lado a minha religiosidade, pois sempre percebi como aspectos independentes, a instituição da religião e a minha religiosidade/espiritualidade.

Fui criado em uma família matriarcal com mulheres e pensamentos à frente do seu tempo e por conta disso recebi, ainda na minha infância, educação sexual. Aprendi ainda cedo a anatomia dos corpos biológicos masculino e feminino e suas diferenças anatômicas. Além disso, fui ensinado sobre sexo, respeito, consentimento. Fui ensinado sobre heterossexualidade e homossexualidade. Estes temas nunca foram tabus na minha casa, de forma que quando tive a primeira experiência da minha sexualidade, ela foi feita com muito autorrespeito e desejo. Não carrego comigo traumas relacionados a

sexualidade e por isto, a importância de que sexo e religião devem ser discutidos ainda na infância como minha mãe fez comigo, com liberdade, clareza e sem tabus. Por conta disso, sexo e religião tornaram-se assuntos resolvidos em mim.

E assim, esses dois aspectos da minha existência cresceram juntos como amantes. Estar na instituição católica era a amante que contribuía para o desenvolvimento da minha espiritualidade. O sexo, na construção da minha sexualidade e confesso que até os meus 18 anos, eles se relacionavam muito bem, mas com minha maior participação nos bastidores da instituição católica, quando assumi o papel de coordenador litúrgico e também com o maior acesso a internet e ao que acontecia no mundo, fui me dando conta do quanto a minha sexualidade era *persona non grata* no espaço da igreja católica: “o Vaticano afirmou, nesta segunda-feira (15) que padres e outras autoridades da Igreja Católica não podem abençoar uniões entre pessoas do mesmo sexo e que, se isso acontecer, elas não seriam oficiais” (canal de notícias G1, 2021)<sup>2</sup>. A notícia é recente, mas a intolerância é antiga.

Recordo-me de dois fatos que aconteceram na minha vida quando era membro da liturgia na paróquia da Cidade Ocidental, Goiás, entorno do Distrito Federal. Foi durante o primeiro semestre da minha graduação em Relações Internacionais, na Universidade de Brasília. Na época, morava na casa da minha madrinha e participei do Segue-Me, um encontro católico para jovens que reunia debates, discussões, leituras da bíblia e várias outras atividades, entre elas, peças de teatro e foi numa destas que os amantes tiveram sua primeira DR. A peça era sobre pessoas que a igreja católica via como pecadoras. Cada uma das personagens se apresentava dizendo qual o seu pecado e uma delas se apresentou: “sou gay”. Lembro-me de ter pensado: “eu também sou gay e isto não faz de mim um pecador”. Não que eu vivesse em uma bolha no fantástico mundo de Pollyanna, tinha total consciência sobre as questões e os preconceitos relacionados à homossexualidade. A AIDS já era um fato, o medo do HIV era presente e por mais que minha homossexualidade estivesse muito tranquila em mim, até então, ter ouvido aquela pessoa ter dito “sou gay” no espaço da instituição católica que havia escolhido para ser minha amante espiritual me causou muitos incômodos e comecei a questionar se gostaria de continuar a ser parte, já que ali, eu era um “pecador”.

Algum tempo, outro episódio aconteceu. Como escrevi antes, morava com minha madrinha e ela pediu para uma mãe de santo fazer uma limpeza espiritual na nossa casa e em nós e por mais que eu nunca tivesse tido contado até aquele momento com as

religiões de matriz africana, não vi como um problema participar do ritual de limpeza. Pelo contrário, gostei muito de participar, dos cantos, do banho no rio, me senti extremamente leve. Alguns dias depois, pessoas pertencentes a comunidade litúrgica da paróquia que eu participava foram me visitar em casa, dizendo que tinham ouvido que eu havia participado de um ritual de outra religião e queriam saber se era verdade. Confirmei que sim e aí começou um blá blá blá chato, preconceituoso e intolerante. Gentilmente, pedi que se retirassem da minha casa.

Algum tempo depois, me divorciei da igreja católica. Minha religiosidade não cabia naquele espaço tão limitador.

## AS ARTES

Quando o campo das artes foi ocupando seus espaços em minha existência, como nas primeiras poesias que escrevi na minha adolescência ou nos meus trabalhos fotográficos a partir de 2011, aspectos da religião e da religiosidade têm estado presentes. Vejo nesta conexão, potencialidades de discursos políticos. Sempre defendi minha arte como política, mas sem o intuito de defender se toda arte é ou não política, mas de pensar na própria forma como fui construindo o meu fazer artístico como esse espaço de debate político e tendo uma criação católica tão presente, não teria como deixar de lado este aspecto nas minhas obras, uma vez que as instituições religiosas têm sido ao longo da nossa história, um daqueles espaços de controle trazido por Musskopf.



**Figura 1:** Sacra Sexuallis. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2018.



**Figura 2 (à esquerda):** *Religião Que Sufoca*. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2018.  
**Figura 3 (à direita):** *A Libertação de Cristo*. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2019.



**Figura 4 (à esquerda):** *Que Me Trazem Os Reis?*. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2019  
**Figura 5 (à direita):** *Série Questões Contemporâneas*. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2019

Assim, em várias obras minhas, trago aspectos da religião para questionar o controle religioso sobre nossa sexualidade, sobre nossas vidas. Para questionar a violência, o poder, o preconceito da instituição católica – faço o recorte para a instituição da igreja católica por ter sido onde aconteceu minha formação religiosa e não por que seja a única que apresente estes aspectos. Acredito profundamente no poder político e transformador da arte, no seu papel por nos fazer repensar aquilo que tomamos como verdade e tentar, mesmo que minimamente, com o meu trabalho artístico, causar rupturas nesses sistemas. Assim foi com *Sacra-Sexuallis*<sup>3</sup> (2018) (Figura 1), *Religião Que Sufoca*<sup>4</sup> (2018) (Figura 2), *A Libertação de Cristo*<sup>5</sup> (2019) (Figura 3), *Que Me Trazem Os Reis?*<sup>6</sup> (2019) (Figura 4), *Questões Contemporâneas*<sup>7</sup> (2019) (Figura 5) e agora, com o projeto *Oração a Contrapelo* (2021).

Na medida que fui desenvolvendo estes trabalhos, fui pensando também nos pedestais onde determinados símbolos religiosos são colocados e o quão perigosos estes

podem ser, principalmente, quando observo violências colocadas em prática na busca de uma defesa da moral, dos bons costumes e da família de bem. Recentemente, a artista Mãe Correria teve seu graffiti “Nossa Senhora do Matriarcado” (Figura 6) censurada e apagada pela Prefeitura de São Paulo após denúncias de um vereador do MDB, “o parlamentar publicou vídeos em suas redes sociais dizendo que o graffiti desrespeitava Nossa Senhora Aparecida, um símbolo da fé católica” (BORGES, 2021).



**Figura 6:** Nossa Senhora do Matriarcado. Mãe Correria. Graffiti. São Paulo/SP. 2021.  
Fonte: site Periferia em Movimento

Um outro caso é do artista espanhol Abel Azcona que, somente no último mês de abril de 2021, teve uma denúncia feita contra ele em 2019 arquivada<sup>8</sup>. Membros da Igreja Católica abriram um processo por conta da obra *Amén o la Pederastia* (2015-2020) (Figura 7), para a qual ele utiliza 242 hóstias consagradas para escrever a palavra Pederastia e denunciar os abusos sexuais a crianças por membros da igreja católica<sup>9</sup>.



**Figura 7:** Amén o la Pederastia. Abel Azcona. Instalação-Performance. Pamplona, Espanha. 2015-2020.  
Fonte: site HA!

Estes dois casos são apenas uma ínfima parte das diversas formas de repressão feita a artistas que sofreram algum tipo de violência por se utilizarem dos símbolos ditos sagrados e que para os agressores justificaria a violência, os abusos, a censura. No entanto, é aí que está o grande papel da arte: romper com estas crenças, retirar esses



objetos desses espaços sacros de poder. Como bem escreve Paul B. Preciado no livro *Um Apartamento em Urano*:

“Enquanto o profeta e o político se esforçam para santificar as palavras, ocultando sua historicidade, cabe à filosofia e à poesia [às artes], como sugere Giorgio Agamben, a tarefa de profanar as palavras sagradas para devolvê-las ao uso cotidiano” (PRECIADO, 2020, p. 118).

Assim, o projeto *Oração a Contrapelo* (2021) é a minha forma de expressar este sentimento de “profanação” nesta busca a contrapelo no seu significado de ir não apenas na direção contrária, mas também para direções diversas. De pensar outras religiosidades, pois quando me “divorciei” da igreja católica, não rompi como minha espiritualidade, pelo contrário, abriu espaços para criar outras relações com ela, na qual minha sexualidade e minha religiosidade são minhas amantes-guia.

Em *Oração a Contrapelo*, me aproprio de elementos da minha formação católica para a construção dessa outra religiosidade. Cada obra deste projeto traz elementos muito presentes na minha construção católica: o terço, a oração e a reza.

## O TERÇO



Figuras 8, 9 e 10: O Terço. Chris, The Red. Objeto. São Paulo/SP. 2021. Registro: Chris, The Red

Um dos principais símbolos sagrados da igreja católica é o terço, objeto onde é colocado a fé para que um pedido aconteça e também, o agradecimento e é a partir dele que construo a primeira parte desse projeto artístico: *O Terço* (2021) (Figuras 8, 9 e 10), feito com camisinhas, madeira e EVA.

Para a sua idealização, inspirei-me na obra de Márcia X, a performance-instalação *Desenhando com Terços*<sup>10</sup> (2000-2003) (Figura 11), que foi censurada na exposição

Erótica no CCBB do Rio, em 2006<sup>11</sup>. Assim, realizar a construção de um terço feito com camisinhas foi o meio que encontrei de trazer/provocar reflexões sobre os diversos posicionamentos da igreja católica ao longo da história em relação às nossas corpos, ao papel reprodutor do sexo, às relações sexuais e afetivas, ao HIV/AIDS, aos apagamentos e silenciamentos impostos.



**Figura 11:** Desenhando com Terços. Márcia X. Performance/Instalação. Petrópolis/RJ. 2000-2003.  
Fonte: site da artista

## A ORAÇÃO

Durante a missa, o padre convida a todas as pessoas a ficarem de pé e rezarem a oração que o Senhor nos ensinou. Não foi nossa mãe, nosso pai, avó, amigo, foi o próprio Senhor – a entidade suprema – que nos ensinou dando ao texto da oração do Pai Nosso sua sacralidade máxima. E é a partir dela que surge a segunda parte deste projeto: o texto *Oração a Contrapelo* (2021) (Figura 12), transcrita abaixo:

*Todes nós que estamos por aí, nos céus, nos infernos,  
nas ruas e em qualquer lugar.  
Respeitados sejam os nomes por nós escolhidos.  
Venham juntes construir os nossos reinos.  
Sejam honradas as nossas vontades.  
Aqui na Terra e agora.  
As insurgências nossas de cada dia sejam feitas.  
Não pediremos perdão pelos cus escancarados.  
Assim como não perdoaremos o sangue em vossas mãos.  
Não nos deixem esquecer o tesão,  
mas livrai-nos de toda caretice.  
Amém!*

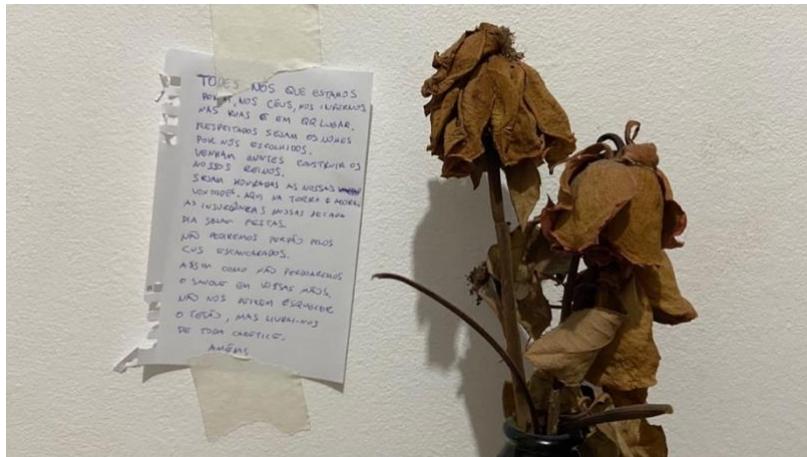


Figura 12: Oração a Contrapelo. Chris, The Red. Texto. São Paulo/SP. 2021

Enquanto a Oração do Pai Nosso foi ensinada pelo próprio Senhor, a Oração a Contrapelo, a gente aprende nas ruas, nas violências que nos são impostas. No apagamento das nossas corpos dissidentes. A oração do pai nosso faz parte de um conjunto de textos sagrados geralmente utilizados para argumentar discursos de ódio e preconceito, como a bíblia. Pode observar, por trás do que violenta em nome da família de bem e dos bons costumes, sempre tem uma bíblia sendo esbravejada. É sobre a bíblia que juramos dizer a verdade e somente a verdade e nada mais que a verdade.

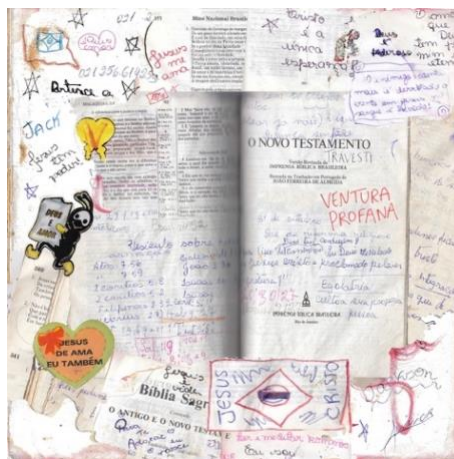


Figura 13: “Novo Testamento”. Ventura Profana. Colagem digital a partir das notas encontradas em minha primeira bíblia e na bíblia principal de minha avó materna, dimensões diversas. 2019.

Fonte: Site Prêmio Pipa

Então, é sobre a “bíblia”, neste caso, a de Ventura Profana e sua obra *Novo Testamento* (Figura 13) que digo a grande verdade sabida por tod[e][a][o]s: que ao longo da história da humanidade pessoas foram violentadas, mortas, abusadas, assassinadas pelas instituições religiosas e continuam até hoje. Neste exato momento em que escrevo este texto, alguma criança está sendo abusada por um padre no mundo; uma pessoa trans sendo violentada por um devoto religioso; uma mulher sendo assediada por um médico,

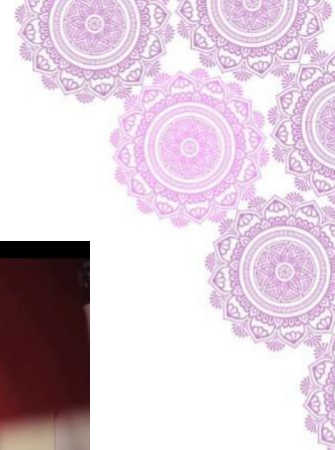
professor, pai e marido de uma família de bem; um filho gay sendo expulso de casa pela família que vai à missa todos os domingos pedir perdão pelos os seus pecados, mas “não perdoaremos o sangue em vossas mãos” (THE RED, 2021).

## A REZA



**Figuras 14 e 15:** Altar da videoperformance *Oração a Contrapelo*.  
Registros: Chris, The Red. São Paulo/SP. 2021

Por fim, o ato de orar. Seja em casa ou na igreja, durante a missa, a formação católica é pautada no momento de nos ajoelharmos e rezarmos. Momento para pedir a “absolvição dos nossos pecados”. Somente assim, estaremos limpos para recebermos a hóstia: o corpo e o sangue de Cristo. Na videoperformance *Oração a Contrapelo* (2021), me coloco de joelhos diante de um altar, um Altar de Artista (Figuras 14 e 15) composto por elementos que, entre outros, entendo como intrínsecos ao desenvolvimento do meu saber: obras artísticas e livros. São estes que me alimentam (pensando na própria hóstia). São as artes e os livros que saciam a minha fome, o meu desejo por outros saberes, por outras perspectivas a contrapelo. Entre as obras, além d’*O Terço*, estão o incensário “*Meu pau é feminino*” da Profânia; uma cabeça de argila em construção do Bruno Novadvorski; a intalação fotográfica *Sacra Sexuallis* de minha autoria; castiçal de cerâmica de Vania Gevaerd; e entre os livros: *O Manual do Sexo Anal* (2021) da Abhiyana; *Manifesto Contrassexual* (2017) do Paul B. Preciado; *Crônicas do CUS* (2019) de Leandro Colling e Gilmaro Nogueira; *Corpos que Importam* (2019) da Judith Butler e *Pelo Cu Políticas Anais* (2016) de Javier Sáez e Sejo Carrascosa.



## Missas I

Celebrada por Crembegui  
08.12.2017

Que su orto esté con usted  
**Todxs: y con nosotrxs**

### I. Liturgia de comunión

Apertura de la celebración como visita a la propia cuerpo: celebradrx saca una de las fluidas obscenas de su cuerpo mientras comparte los motivos e intenciones del alimento de la celebración. Hoy, día 8 de diciembre de 2017 esta visita es muy importante. Nos vamos a celebrar a nosotras mismas. Vamos a reapropriarnos de nuestras cuerpos, autoreconocernos, con toda nuestra integridad política e ideológica. Haciendo un rompimiento de la colonización corporal que sufrimos.

Y LA señor dijo: garchen y meense en celebración a si mismos!

Que su orto esté con usted  
**Todxs: y con nosotros**



### II. Celebración de autoreconocimiento

La importancia política de apropiarse del auto-placer anal. Orto, cu, rabo, rosca, traga leche, baba porra, oje, pote, cuceta, ortoncha! La ortoncha. Este es nuestro objetivo, zorras. Queremos deconstruir la vergüenza anal hasta que llegue a la ortoncha. Abierta, dilactada. Un organo hecho para el placer. Pero acuerdense bien: "aca el agujero no es para los machos" (linn:jp24). Abrimos nuestra ortoncha para nosotras. Para nuestro placer y porque somos dueñxs de nuestras cuerpos. Queremos la liberación y la apertura para compartimos entre nosotras: putas abortistas, maricas kutres, tortas mounstruosas, travestis vagabundas y toda la manada degenerada. Aquí, la monogamia no tiene espacio, y la endogamia se hace necesaria.

Zorras, empiecen a probar de esta alegría que es su orta. CELEBRAN- TES SAQUEN SUS ROPAS. Con un (o más) dedo(s) toquen sus pliegues anales. De a poco abran la puerta a este mundo de placeres. Laman sus dedas, y vuelvan a meter en la orta. Despacio, sientan sus pliegues dilatarse. Mojen sus falanges en las paredes del recto. Mojada, suave, rosada. Sa-

quen el dedo de la orta y tóquenlo con la lengua, chúpelo, sientan el sabor a orto penetrado y descolonizado. Y repitan cuantas veces fuera necesario hasta poder lamer sus dedos sin asco. O cuantas veces pida su calentura. Sientan la textura de infinitos placeres de su recto y el sabor a fin del higienismo sexual.

Que su orto esté con usted  
**Todxs: y con nosotros**

### III. Salmo al transgresor

A usted, que lee este humilde salmo Pedimos que libere su oje De la triste tarea de defecar agazapadamente

Permitale que sea citado, recordado, tocado  
Permitale que traiga también, otras formas de placer  
Permitase, que le mostraremos

Venga con nosotros en esta cruzada en contra de los rechazos de las cosas dichas impuras  
Venga con nosotros a venerar el placer, condenando a la invisibilidad pecaminosa  
Venga con nosotros a disfrutar sin dolor, culpa o asco

Sáquese la condenación del interdicto

Toque su cuerpo, úsela como quiera  
Conózcase por el orificio común

A usted le pedimos, pruebe el bendito agujero  
A usted le suplicamos, libérese, libérenos  
Le guiaremos, libérese

Que su orto esté con usted  
**Todxs: y con nosotros**

Vayan con la alegría de haberse recibido a si mismxs.



**Figuras 16 e 17 (acima):** Missa I – Celebrada por Crembegui. Paulx Castello. Rosário, Argentina. 2017.  
Frames do vídeo: Chris, The Red (2021)

**Figura 18 (abaixo):** Liturgia da Missa I – Celebrada por Crembegui. Paulx Castello. Rosário, Argentina. 2017

Além dos elementos descritos no parágrafo anterior, no porta-bíblia encontram-se um dildo e um *plug* anal. Com eles, abro o meu corpo para outros exercícios da minha sexualidade. Diante desse Altar de Artista e antes de começar a “reza”, pego o *plug* e o introduzo no meu cu e o mantenho lá durante todo a reza neste monótono processo de repetição, a cada conta d’*O Terço*, da *Oração a Contrapelo*. No entanto, ao deixar o *plug* no meu cu enquanto de minha boca saem as palavras “sacro-sexuais” interligo pontas do meu corpo – “orifícios-entrada”<sup>12</sup> (PRECIADO, 2017, p. 32) e me alimento da energia desses objetos que compõem o meu altar, da energia sexual, da energia das corpos marginalizadas que vieram antes de mim e abriram espaços para seguirmos adiante. De forma que a monotonia da repetição se canaliza em gozo do meu corpo-mente-espírito. É

a partir deste altar que construo minhas outras religiosidades, ritos e rituais. Ao me separar da instituição católica, busquei outros espaços para construir estas novas relações entre minha sexualidade e minha religiosidade e a minha nova ideia de missa que quero fazer parte é a de Paulx Castello: *Missa I – celebrada por Crembregui* (2017) (Figuras 16 a 18). Nesta, Paulx recria tanto a liturgia das palavras proferidas na missa católica, assim como os próprios ritos da missa, fazendo de sua própria corpa seu espaço de comunhão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, fazer da minha religiosidade e sexualidade dois amantes vem com um preço a ser pago, ainda mais em um país biblicamente violento como o Brasil, onde a todo momento, atos de repressão e censura são feitos a artistas que ousam “profanar” os símbolos e dogmas religiosos cristãos e eu não passaria batido. Em 2018, participando da 2ª Bienal de Artes do Ouvidor 63, em São Paulo, com a instalação fotográfica *Sacra Sexuallis* (2018)<sup>13</sup>, tive a foto *Sacra-Sexuallis I: Primus in deliciis vixerunt*<sup>14</sup>, que faz uma releitura d’A *Última Ceia* (1495–1498) de Leonardo Da Vinci, arrancada do espaço onde estava exposta e jogada na lixeira do banheiro junto com restos de papel higiênico usados (Figuras 19, 20 e 21).



Figuras 19, 20 e 21: Instalação Fotográfica *Sacra Sexuallis*. 2ª Bienal de Artes do Ouvidor 63, São Paulo/SP. 2018.  
Registros: Chris, The Red

E diante deste caso e de tantos outros de censura contra artistas é que se faz importante continuar trazendo para o discurso da arte contemporânea temas como religiosidade e sexualidade e as intrínsecas relações que há na conjunção de ambos e *Oração a Contrapelo* (2021) é esta obra que traz estes dois aspectos da minha vida, não apenas questionando a forma como são construídos ao longo da história, mas buscando

propor outras possibilidades de existências e reescritas a contrapelo por outros olhares, os olhares das corpos dissidentes, como já defendia Walter Benjamin em *Theses on the philosophy of history* (1969).

## CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Kátia. **Por uma semântica profunda: arte, cultura e história no pensamento de Franz Boas**. *Mana*, 4(2), 1998.

BORGES, Thiago. **Artista periférica faz petição e denuncia censura de vereador a graffiti de “Nossa Senhora do Matriarcado”**. Site Periferia em Movimento. Publicado em 18 de outubro de 2021. Disponível em [periferiaemmovimento.com.br/](http://periferiaemmovimento.com.br/). Acesso em 15 novembro de 2021.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas : itinerários para uma teologia queer no Brasil** / André Sidnei Musskopf ; orientador Rudolf von Sinner. – São Leopoldo: EST/PPG, 2008. 524 f.: il. Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2008.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017

\_\_\_\_\_. **Um Apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Tradução Eliana Aguiar; prefácio Virginie Despentes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.dicio.com.br/contrapelo/>. Acesso em 01 novembro 2021.

<sup>2</sup> Igreja Católica não pode abençoar as uniões do mesmo sexo, diz Vaticano. Site G1. Publicada em 15 de março de 2021. Disponível em [g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/15/igreja-catolica-nao-pode-abençoar-as-uniões-do-mesmo-sexo-diz-vaticano.ghtml](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/15/igreja-catolica-nao-pode-abençoar-as-uniões-do-mesmo-sexo-diz-vaticano.ghtml). Acesso em 15 novembro 2021.

<sup>3</sup> Disponível em <https://bit.ly/CTRSacraSexuallis>. Acesso em 15 novembro 2021

<sup>4</sup> Disponível em <https://bit.ly/CTRReligiaoQueSufoca>. Acesso em 15 novembro 2021

<sup>5</sup> Disponível em <https://bit.ly/CTRALibertacaoDeCristo>. Acesso em 15 novembro 2021

<sup>6</sup> Disponível em <https://bit.ly/CTRQueMeTrazemOsReis>. Acesso em 15 novembro 2021

<sup>7</sup> Disponível em <https://bit.ly/CTRQuestoesContemporaneas>. Acesso em 15 novembro 2021

<sup>8</sup> Disponível em [https://www.eldiario.es/cultura/arte/abel-azcona-no-profugo-justicia-espanola-juez-archiva-denuncia-artista-delitos-sentimientos-religiososya-no-profugo-justicia-espanola\\_1\\_7825378.html](https://www.eldiario.es/cultura/arte/abel-azcona-no-profugo-justicia-espanola-juez-archiva-denuncia-artista-delitos-sentimientos-religiososya-no-profugo-justicia-espanola_1_7825378.html). Acesso em 15 novembro 2021.

<sup>9</sup> Disponível em <https://historia-arte.com/obras/amen>. Acesso em 15 novembro 2021

<sup>10</sup> Disponível em <http://marciart.br/mxObra.asp?sMenu=2&sObra=26>. Acesso em 15 novembro 2021

<sup>11</sup> Disponível em <http://marciart.br/mxText.asp?sMenu=4&sText=47>. Acesso em 15 novembro 2021

<sup>12</sup> No livro *Manifesto Contrassexual* (2017), Paul B. Preciado nos traz dois pontos importantes da Contrassexualidade. O primeiro é a utilização de dildos e o segundo, a reconquista do ânus como centro erógeno, retirando do pênis sua centralidade no sistema heterocentrado: “A reconquista do ânus como centro contrassexual de prazer tem pontos comuns com a lógica do direito: cada lugar do corpo não é somente um plano potencial no qual o dildo pode se deslocar, mas também um orifício-entrada, um ponto de fuga, um centro de descarga, um eixo virtual de ação-paixão” (p. 32).

<sup>13</sup> Disponível em <https://bit.ly/CTR2BienalArtesOuvidor63>. Acesso 28 novembro 2021.

<sup>14</sup> “Primus in deliciis vixerunt” é uma brincadeira com o latim que significaria A Primeira Orgia.